



# ELEVADOR

EM

# QUEDA LIVRE

**A cada ano, fazemos cerca de  
5 bilhões de viagens em  
280 mil elevadores.**

**Acidentes são quase  
inexistentes, mas quando  
acontecem...**

POR JULIA MORGAN

A UNIVERSITY AVENUE, em Toronto, é uma avenida ampla e imponente. Repleta de árvores e monumentos, ela separa oito pistas e se estende por vários quarteirões. Em direção ao norte está o Insurance Row, área onde se localiza a maioria das grandes seguradoras. E bem no extremo norte, encontra-se o Hospital Row, região dos principais hospitais do Canadá. No número 522 da University Avenue, onde o Insurance Row encontra o Hospital Row, há um prédio de 15 andares com janelas de vidro fumê. Quinhentas pessoas trabalham ali, a maioria na Industrial Alliance, empresa de seguros e serviços financeiros, proprietária do edifício.

No terceiro andar, na última sexta-feira de janeiro de 2006, María Wilhelm vivia um dia agitado. Funcionária do departamento de inspeção de seguros, Wilhelm sentia-se animada com a aproximação do fim de semana. Aos 23 anos, fazia verdadeiro malabarismo entre o emprego e a universidade, na qual

esperava se formar em Espanhol e Matemática.

Além disso, havia o casamento, em junho, para planejar. Cinco anos e meio antes, María conheceu Christian Cepeda num *workshop* para estudantes de ensino médio. Os dois tinham ascendência hispânica e queriam um dia ser professores. Tornaram-se amigos e, mais tarde, começaram a namorar. Haviam ficado noivos dois meses atrás.

María encerrou o expediente às cinco da tarde. Ela e Christian planejavam sair para jantar com os pais dele, Monica e Luis, a fim de discutir detalhes do casamento. Monica também trabalhava na Industrial Alliance. Ela e o marido se encontraram com María nos escritórios da empresa, mas, antes de sair, queriam ir até a garagem deixar seus pertences no carro. Pelo telefone, María pediu a Christian que os encontrasse no *hall*.

**D**AVID POTTER, 55 anos, não deveria estar no prédio naquela tarde. O vice-presidente da Industrial Alliance tinha de estar em Calgary, mas vários compromissos haviam sido adiados, o que o obrigara a voltar mais cedo para Toronto. Ele havia planejado apanhar um par de esquis para uma viagem com a família naquele fim de semana, mas a loja ligara avisando que a encomenda não tinha chegado.

No fim do expediente, Potter foi até Steve McDonald, um de seus funcionários, e lhe disse que estava na hora de ir para casa. Pegaram um elevador até o *hall* e iam se aproximando

de outro, que leva à garagem do prédio, quando McDonald decidiu pegar algo para beber. “Eu o vejo na segunda-feira, chefe”, disse. Potter também sentiu sede e se afastou dos elevadores, indo até a loja de conveniência que fica no *hall* do prédio.

Quando Potter voltou, Monica e Luis Cepeda, María e outro funcionário da Industrial Alliance, Michael Marmoreo, aguardavam o elevador. Embora trocasse *e-mails* com Monica, Potter nunca a encontrara pessoalmente, então não se deu conta de que estava à sua frente. Ele havia visto Marmoreo circulando pelo prédio, mas também não sabia o seu nome. Os cinco aguardaram, obedecendo à típica etiqueta de elevador – ele e Marmoreo mantiveram-se em silêncio, enquanto os outros três, que obviamente se conheciam, conversavam sobre o casamento.

As portas se abriram e todos entraram. Assim que começaram a descer, as portas se abriram de novo, e Potter se viu encarando a parede do poço vazio e escuro. Logo, um quadrado de luz brilhou à sua frente e o vestíbulo da primeira parada do elevador surgiu diante de seus olhos. Mas o elevador não parou. *Que esquisito!*, pensou Potter. Enquanto continuavam a descida, as portas se fecharam, e ele ouviu um baque que parecia a tampa de uma imensa caçamba metálica sendo fechada com um estrondo. No instante seguinte, todos caíam.

*Queda livre.*

Tudo aconteceu muito rapidamente – um momento único na vida, que ter-



No instante seguinte,  
estavam caindo.

## QUEDA LIVRE

com exceção de Marmoreo, que se achava sentado com as costas eretas, num canto, onde havia sido atirado do corrimão. Um dos painéis do teto do elevador havia caído sobre Luis e Monica. Havia fios pendurados e fumaça, e as luzes piscavam. Preocupado com a possibilidade de um incêndio, Luis arrancou o painel.

Eles se revezaram gritando e esmurrando as laterais do elevador para atrair a atenção de alguém. O pé esquerdo de Monica inchava muito rápido. Ela tirou o sapato para diminuir a dor. A perna esquerda de Luis estava retorcida em forma de “s”. Um dos tornozelos de Potter havia se deslocado. Marmoreo achava que tinha machucado a coluna. A princípio, María permaneceu em silêncio. Havia ficado sem fôlego, e a fala parecia ter desaparecido com a respiração. Monica e Luis começaram a gritar “Maru!” (tratamento carinhoso espanhol para María), e o toque de Luis finalmente a tirou do estado de choque. Ela disse que estava bem, mas que não sentia a perna esquerda.

De algum modo, Luis conseguiu sinal em seu celular – impressionante, considerando a localização do grupo, tantos metros abaixo do solo. Ele o entregou a María, que conhecia melhor o prédio, para que dissesse à te-

minou em poucos segundos, e que a maioria não conseguiria se lembrar mais tarde. No canto do elevador, Marmoreo agarrou o corrimão às suas costas e se ergueu do chão. Amedrontada, María fechou os olhos. Então, ela ouviu o grito curto e assustado de Monica.

Potter olhou para o chão enquanto desciam violenta e rapidamente, tentando imaginar quantos metros ainda teriam de percorrer. Dez? Três? Ao baterem no fundo, um terrível estrondo encheu o poço do elevador. Potter viu o próprio corpo desmoronar, em câmara lenta. Por algum motivo, não sentiu dor.

Todos estavam no chão, amontoados, com os pertences atirados à volta. *O que tinha acontecido?*, perguntava-se María, em estado de choque. Todos estavam deitados de barriga para cima,

lefonista o que havia acontecido. Depois que ela desligou, ocorreu-lhe que, provavelmente, Christian estava lá em cima com o celular. “Chris, houve um acidente”, disse, quando o noivo atendeu. “Estamos no fundo do poço do elevador. Tem gente com ossos fraturados. Estou machucada, e os seus pais também!”

**L**Á EM CIMA, McDonald havia retornado e aguardava o elevador seguinte que o levaria ao estacionamento. Apertou o botão, esperou um minuto, e apertou outra vez. Normalmente, podia ouvir o elevador se deslocar, mas não havia barulho algum. Então, ouviu gritos distantes. McDonald trouxe um segurança até a porta do



elevador para ouvir os gritos também. Em seguida, ligou para a Emergência, enquanto o segurança reunia outros funcionários do edifício. *Há pessoas presas no elevador*, deduziu McDonald. E começou a descer as escadas, batendo em cada porta de elevador que encontrava e gritando: “Vocês podem me ouvir?” Enquanto descia os cinco níveis do estacionamento, pensou: *Talvez David esteja lá dentro.*

Depois de localizar as vítimas por trás das portas do elevador no subsolo, McDonald fez outra ligação para a Emergência. Quando subiu as escadas de novo, encontrou caminhões do Corpo de Bombeiros na frente do prédio. Os bombeiros desligaram a força do elevador que havia despencado, para que a equipe de resgate pudesse entrar em segurança. McDonald, coordenador de emergências do prédio, pediu pelo sistema de alto-falantes que as pessoas usassem as escadas. Quando o primeiro grupo de ambulâncias chegou, ele liderou os paramédicos pelas cinco rampas: as ambulâncias eram altas demais para entrar, um problema comum em garagens.

MARÍA TEVE A SENSACÃO de terem esperado uma eternidade, mas, minutos após o acidente, as cinco pessoas pre-

**“CHRIS, caímos no poço do elevador. Estou ferida, e seus pais também!”**

## COMO SOBREVIVER À

Algumas pessoas acham que a melhor maneira de sobreviver se você estiver dentro de um elevador em queda livre é pular antes que ele chegue ao chão. Mas pular não adianta muito, mesmo se você conseguir fazer isso no tempo certo, o que é difícil, a menos que esteja fora do elevador. Os especialistas recomendam agachar-se no meio do elevador, tão perto do piso quanto possível, e proteger a cabeça do impacto. Essa posição distribui a força do impacto, em vez de concentrá-la numa parte do corpo apenas.

JOSHUA PIVEN E DAVID BORGENICHT,  
em *The Worst-Case Scenario Handbook: Travel*

sas no elevador já podiam ouvir os bombeiros gritando do lado de fora. Eles perguntaram quantas eram, se estavam conscientes e que tipo de ferimentos haviam sofrido. “Vocês conseguem abrir a porta por dentro?”, gritaram. Estava muito bem fechada, e um deles ia ter de tentar abri-la o suficiente para que os bombeiros conseguissem enfiar um pé-de-cabra.

Marmoreo, que parecia não ter machucado as pernas nem os pés e havia conseguido ficar de pé para acionar o alarme, sabia que era o único em condições de fazê-lo. Ignorando a dor nas costas lancinante, passou por cima de Potter e forçou a abertura da porta para que a equipe de resgate alcançasse o botão de desengate manual na beirada das portas internas. Quando por fim se abriram, as vítimas puderam ver que o elevador havia parado uns 60 centímetros abaixo do nível térreo.

Assim que dois bombeiros olharam as vítimas, María foi surpreendida pela expressão em seus rostos. Teve certeza de que esperavam encontrar corpos. Retribuiu o olhar e pensou: *Ainda não estou morta! Tirem-me daqui!* Marmoreo se arrastou porta afora. Então, a equipe de resgate retirou Potter, Monica e Luis. Quando chegou a vez de María, um dos bombeiros a ergueu por baixo dos braços e o outro por debaixo dos joelhos. Cuidadosamente levantaram-na. Ela sentiu uma dor indescritível quando os pés penderam para baixo. Christian, que a essa altura esperava no estacionamento, ouviu a noiva gritar.

Os paramédicos amarraram todos em pranchas, cortaram-lhes as roupas e removeram seus sapatos para avaliar os ferimentos. A seguir, imobilizaram a cervical com colares ortopédicos. Administraram morfina e os transferiram para macas. Christian estava de pé entre o pai e María, com os braços estendidos para segurar as mãos de ambos. Mais tarde, Monica sentiu que alguém brincava com seus cabelos, e, a seguir, uma lágrima rolou por seu rosto. Ela estendeu a mão e descobriu que era seu filho.

Apenas 45 minutos depois de receberem o telefonema, os paramédicos subiam as rampas correndo e empurrando cinco macas. María observava o teto de concreto e as lâmpadas fluorescentes acima de sua cabeça, gritando a cada vez que a maca saltava por cima de uma grade de ferro no chão da ga-

ragem. Do lado de fora, sentiu o frio das ruas e foi cegada pelas luzes das equipes de reportagem ali reunidas. Havia tantas ambulâncias, carros de polícia e caminhões do Corpo de Bombeiros que a rua atrás do prédio e as pistas da University Avenue ficaram bloqueadas. Os hospitais da região haviam sido avisados da chegada de várias vítimas de um acidente.

**D**OIS MESES depois da queda do elevador, Potter estava sentado na cama de um hospital de reabilitação na zona norte de Toronto. Vestia uma camiseta cinza e confortáveis calças azuis com botões de pressão que corriam de cima até embaixo pela lateral – a única roupa que acomodava as tornozeleiras que tinha de usar. Havia uma cadeira de rodas ao lado da cama. Seus pés tinham sido esmagados no acidente e depois reconstituídos; ele agora cumpria os três meses de fisioterapia necessários para poder voltar a colocar peso sobre eles.

Potter disse que só depois de chegarem ao hospital as cinco vítimas souberam quem havia estado com elas no elevador. *Que maneira de nos conhecermos...*, cada uma pensou. Mais tarde, começaram a se falar por telefone. Jun-

tos, haviam despencado aproximadamente seis metros dentro de uma caixa de metal numa velocidade de impacto próxima dos 40 quilômetros por hora. Romperam ligamentos e tendões, deslocaram tornozelos e quebraram ossos. Assim como Potter, María teve de andar a princípio numa cadeira de rodas e, a seguir, por algum tempo, precisou de muletas. Monica passou meses fazendo curtos deslocamentos com a ajuda de um andador, enquanto o marido recuperava a força com muletas. Os médicos disseram que todos voltariam a andar de seis meses a dois anos após o acidente – em sete meses, já estavam de pé.

O único que voltou ao trabalho duas semanas depois do acidente foi Marmoreo. Com esporões ósseos e uma vértebra fraturada, no entanto, ele sentia dores com freqüência. Entrar num elevador tornou-se impossível, e todos, com exceção de Marmoreo, passaram a ter pesadelos e *flashbacks*.

“Acho que passei a dar mais valor às pequenas coisas da vida”, refletiu Potter, erguendo-se na cama com a ajuda da barra de exercícios. “O simples ato de caminhar ao ar livre e ouvir o canto dos pássaros já é bastante especial. Estar na companhia de amigos e da família é muito, muito importante.”

## AGORA, SIM

Meus pais viajam muito. Em uma das viagens, meu sobrinho, na época com 4 anos, insistiu em ir. Como era pequeno, meu pai disse:

– Você só vai quando bater aqui no vovô – e mostrou-lhe a altura.

Sem pensar muito, meu sobrinho deu-lhe um soco na barriga e disse:

– Agora posso ir?

MARCELLE CAMILLE O. RODRIGUES, Ribeirão Pires (SP)